

Mulheres em situação de refúgio: apropriação dos espaços de lazer na cidade de São Paulo

The Occupation of Cultural and Recreational Places in São Paulo by Refugee Women

Sara Sulamita de Oliveira



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/8322>

DOI: 10.4000/pontourbe.8322

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Sara Sulamita de Oliveira, « Mulheres em situação de refúgio: apropriação dos espaços de lazer na cidade de São Paulo », *Ponto Urbe* [Online], 26 | 2020, posto online no dia 28 julho 2020, consultado o 05 agosto 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/8322>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 agosto 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Mulheres em situação de refúgio: apropriação dos espaços de lazer na cidade de São Paulo

The Occupation of Cultural and Recreational Places in São Paulo by Refugee Women

Sara Sulamita de Oliveira

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 21/03/2020
Aceitação / Accepted 18/05/2020

Apresentação

- ¹ No âmbito das migrações internacionais, o conceito e as práticas de refúgio estão relacionados diretamente àqueles obrigados a se deslocarem de um país a outro ou de uma região a outra por motivos de perseguição racial, religiosa, política, grupo social ou nacionalidade. A conjuntura brasileira é explanada pelos dados apresentados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), tendo o Brasil recebido 206.737 solicitações de reconhecimento, sendo 80.057 somente em 2018, onde São Paulo representa 12% (9.977). Partindo desta realidade e do contexto no qual estamos inseridos, faz-se necessário desenvolver e colocar em prática ações que incluam as minorias, como aponta Amanajás e Klug (2018:30) “É nesses espaços que os excluídos dos processos de planejamento e construção das cidades, como migrantes e refugiados, mulheres, jovens, idosos e pessoas com deficiência, além dos “invisibilizados”, a exemplo de populações de rua, indígenas e população LGBT, como forma de exercer sua cidadania e reivindicar o direito à cidade”.

- 2 Diante disso, quando se é mulher e está em situação de refúgio, tem-se uma dupla vulnerabilidade, constatada pelo contexto histórico da opressão de gênero.
- 3 Nessa esfera de reflexão teórica é que a atividade registrada nesse ensaio atua na prática. Como produto do projeto de cultura e extensão “Mobilidades e diásporas contemporâneas: reflexões e práticas de reintegração de pessoas em situação de refúgio” da Universidade de São Paulo, com orientação de Thiago Allis¹, foi realizada uma série de registros visuais em um encontro realizado com mulheres em situação de refúgio, tendo como pano de fundo a escuta mútua entre todas as presentes e com propósito de ouvi-las e incentivá-las a se apropriarem de espaços urbanos e equipamentos de lazer da cidade de São Paulo. A atividade foi desenvolvida em conjunto com a Organização Não Governamental Compassiva e de outras bolsistas do projeto de cultura e extensão.
- 4 Como auxílio metodológico, optou-se por seguir na área da pesquisa social antropológica, assumindo-se que o objeto da antropologia é a variação das relações sociais, não sendo portanto um sujeito em específico, mas sim a relação que se cria com o ambiente e os demais. (Viveiros de Castro, 2002:122)
- 5 Em vista disso, a importância da reinserção social de refugiados deve ser ativa na sociedade, seja ela de caráter assistencialista - no atendimento de necessidades básicas ou urgentes, como moradia, alimentação, documentação e outros - ou no aspecto sociocultural, salientando a importância do direito à cidade e ao lazer, assim como dos demais direitos.
- 6 Os registros que compõem este ensaio foram feitos por mim com uma Canon T3i - Lente: 35-50mm e editadas no programa de edição de imagens Adobe Photoshop.



Permitir Conhecer

FIGURA 1: SARA SULAMITA, 2019

- 7 Durante toda atividade, produziram-se interações mediadas e objetivas sobre vários pontos turísticos da cidade de São Paulo, como o Museu de Arte de São Paulo (MASP), Museu do Futebol, Museu Catavento, Observatório do Carmo, Museu da Imigração,

Museu de Arte Contemporânea (MAC - USP), Parque da Cantareira, Horto Florestal dentre outros. Os lugares foram apresentados através de cartolinhas contendo o endereço, foto e horário de funcionamento. Além disso, também foram levados alguns mapas da cidade, de modo que todos pudessem localizar os equipamentos de lazer e turismo citados, e assim facilitar a escolha e discussão entre as participantes (Fig. 1).



Recomeço

Figura 2 : sara Sulamita, 2019

- 8 Esta imagem (Fig. 2) foi feita no início da atividade e nela está disposta uma família da Síria: Fátima, seguida de sua filha Elham e seu neto Mohamed.



Interculturalidade

Figura 3: Sara Sulamita, 2019

⁹ Durante toda a atividade, para minha surpresa, foi Mohamed que auxiliou na tradução das conversas com sua família. Ambos estão no Brasil há menos de um ano, entretanto, Mohamed que frequenta escola e tem amigos brasileiros já fala a língua com naturalidade, diferentemente da mãe e da avó que ainda falam muito pouco a língua portuguesa, mas possuem interesse em aprendê-la na ONG Compassiva (Fig. 3).



Trocas

Figura 4: Sara Sulamita, 2019

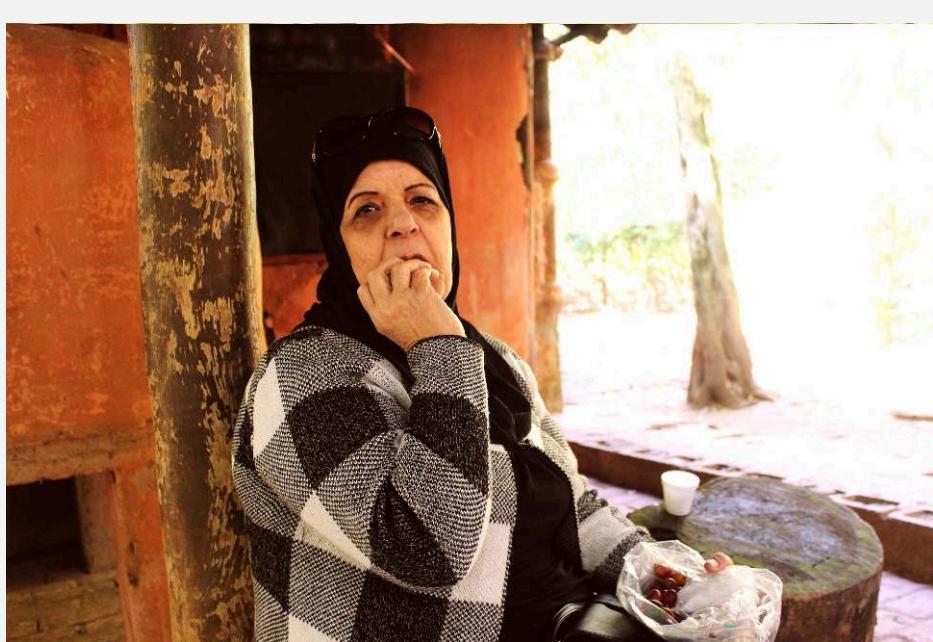
¹⁰ Nesta imagem (Fig. 4), Mohamed tenta descrever para sua mãe um dos lugares propostos a conhecer em São Paulo, o Museu do Futebol, que é descrito pelas voluntárias corporalmente e através da língua.



Rompendo Distâncias

FIGURA 5: SARA SULAMITA, 2019

- 11 Durante a atividade, Fátima realizou uma videochamada para sua irmã, que ainda está na Síria, e nos apresentou a ela. Fátima relata “sinto muita falta, espero reencontrá-la logo” (Fig. 5).



Afinco

Figura 6: Sara Sulamita, 2019

- 12 A família pediu refúgio no Brasil devido à guerra que vem devastando seu lar nativo desde 2011, a Síria. Fátima, durante a atividade, esboça essa questão quando perguntada sobre o que faz gostar do Brasil, e responde “aqui não tem guerra”.



Hospitalidade mútua

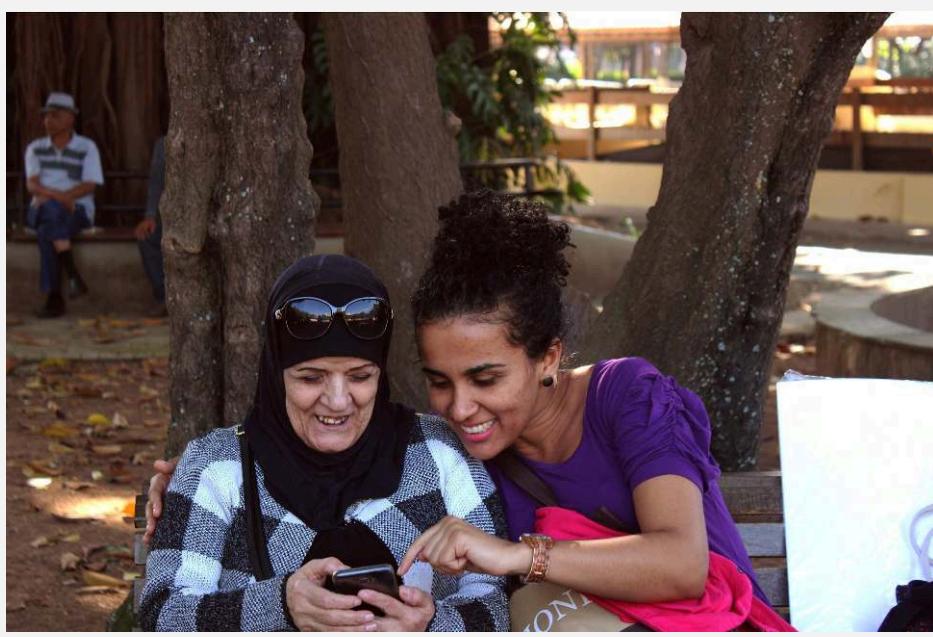
FIGURA 7: SARA SULAMITA, 2019

- 13 As instituições que produziram maior interesse nos integrantes foram o MASP, Museu Catavento e Museu do Futebol. Neste último, Mohamed foi o grande entusiasta, afirmando ao grupo que possui a chuteira da Marta. Fátima e Elham dizem conhecer Marta e identificam em imagens a obra “Abaporu”, de Tarsila do Amaral, pela referência de Mohamed como sendo “ aquela pintura do pé grande”, o qual diz ter visto na escola.



Sintonia

FIGURA 8: SARA SULAMITA, 2019



Sororidade

FIGURA 9: SARA SULAMITA, 2019

- ¹⁴ Essas últimas imagens (Fig. 8 e Fig. 9), correspondem à essência da atividade e deste ensaio, devido à troca exposta na imagem tanto entre Fátima e Elham no Parque da Água Branca, quanto entre Fátima e Vânia, sua vizinha aqui no Brasil.
- ¹⁵ Em síntese, o poder de transformação que a cidade possui fica a cargo do indivíduo, pois apropriar dos espaços é criar vínculos identitários. Magnani (2002:18) refere-se a “passagem” como sendo uma prática, através da qual podemos “percorrer a cidade e seus meandros observando espaços, equipamentos e personagens típicos com seus hábitos, conflitos e expedientes, deixando-se imbuir pela fragmentação que a sucessão de imagens e situações produz.
- ¹⁶ A atividade realizada abrange ações em que pessoas em situação de refúgio e os demais indivíduos da cidade sejam compreendidas na perspectiva da “passagem”, permeados com seu entorno, construindo pontes para interculturalidade e assim promovendo um acolhimento melhor em sociedade. Nesse contexto, o projeto de extensão e a instituição Compassiva sentiram a necessidade dessa atividade com recorte de gênero, pois notaram que as mulheres sentiam-se mais à vontade para se comunicar quando estavam juntas.

BIBLIOGRAFIA

ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados). Protegendo Refugiados no Brasil e no mundo. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/>

[2018/02/Protegendo-Refugiados-no-Brasil-e-no-Mundo_ACNUR-2018.pdf](https://www.acnur.org.br/sites/default/files/2018-02/Protegendo-Refugiados-no-Brasil-e-no-Mundo_ACNUR-2018.pdf) .Acesso em: 29 jun. 2019.

AMANAJÁS, R.; KLUG, L. 2018. Direito à cidade, cidades para todos e estrutura sociocultural urbana. In: A nova agenda urbana e o Brasil. (Org.) Marco Aurélio Costa, Marcos Thadeu Queiroz Magalhães e Cesar Bruno Favarão. Brasília: Ipea.

MAGNANI, J. G. C. et al. 2002. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n.49: 11-29.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. “O nativo relativo”. Mana. Estudos de Antropologia Social. 8 (1): 113-148.

NOTAS

1. Professor Doutor pelo Curso de Lazer e Turismo, da Escola de Artes Ciências e Humanidades, da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Bacharel em Turismo pela Universidade de São Paulo (2004), Mestre em Integração da América Latina pela Universidade de São Paulo (2006) e Doutor em Arquitetura e Urbanismo, na Área de Planejamento Urbano e Regional (FAU-USP).

AUTOR

SARA SULAMITA DE OLIVEIRA

Graduada em Lazer e Turismo pela Universidade de São Paulo. E-mail: sara.sulamita.oliveira@usp.br